

## 5

### **Afinal o que podemos concluir?**

O encerramento deste trabalho ocorre antes do fechamento do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e do pleno funcionamento da CTR – Santa Rosa. Não conseguimos registrar o desfecho dos acontecimentos que acompanhamos durante os trabalhos de campo e não tivemos a possibilidade de analisar como ficou o entorno do aterro. Nossa temática de estudo não se encerra, pois toneladas de resíduos sólidos urbanos continuarão sendo produzidas e novos territórios do lixo deverão ser abertos em uma dinâmica incessante.

O que podemos observar é que a lógica que orienta a distribuição desigual dos recursos do sistema urbano e as exteriorizações negativas de equipamentos urbanos permanece. O processo de valorização desigual do espaço foi impulsionado pelo desenvolvimento de novos objetos técnicos que está relacionado à expansão das ideias capitalistas no Brasil. Esses objetos possibilitaram a expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro através de eixos diferenciados criando uma segmentação social entre áreas ocupadas pela população mais abastada e áreas destinadas à classe trabalhadora.

Essa transformação ideológica e espacial teve como força ideológica impulsionadora o Movimento Higienista que se tornou um instrumento de dominação de classes e criou as bases da segregação espacial. Esse movimento promoveu mudanças na forma espacial que possibilitaram a separação das classes sociais e os equipamentos urbanos dirigindo para os subúrbio e periferias a população de baixa renda e os equipamentos poluidores. Qualquer mudança na forma urbana atinge diretamente a renda dos indivíduos, a proximidade dos equipamentos urbanos poluidores, especificamente os vazadouros de resíduos sólidos urbanos, dos subúrbios e periferias afetam negativamente a renda da população que reside nessas áreas por expor a elas exteriorizações negativas do crescimento urbano.

Essa lógica desigual da produção do espaço urbano gera injustiças sociais. Foram os espaços carentes de infraestrutura urbana que receberam os vazadouros de lixo, a dinâmica de apropriação e dominação criada no entorno e no interior desses espaços fez com que eles fossem entendidos como territórios do lixo.

Os territórios do lixo foram criados e funcionaram em vários bairros cariocas, a cada encerramento de um vazadouro e abertura de um novo, outros novos problemas ambientais e sociais foram criados. O resultado foi um rastro de passivos ambientais esquecidos pelo poder público e que afetam as populações residentes nessas áreas até os dias atuais. Nesses territórios, uma nova atividade econômica ganhou força, foram os catadores de material reciclável que acompanhavam a desativação e reativação de cada território do lixo, ou seja, eles se territorializavam, se deseterritorializavam e se reterritorializavam a cada novo vazadouro construído.

O processo político que orienta nossas cidades contribuiu para que na década de 1970 os resíduos da cidade do Rio de Janeiro passassem a ser depositado na periferia, em um município periférico. Nessa dinâmica, o espaço urbano carioca tem seu solo valorizado enquanto promove a desvalorização da periferia expondo a população às consequências negativa de um crescimento urbano baseado no consumo.

O território do lixo em Jardim Gramacho foi um dos mais complexos, principalmente, por seu momento histórico de valorização de materiais recicláveis, de consumo acelerado e de níveis de desemprego que acabou por atrair muitas pessoas para reciclagem. A grandiosidade do AMJG está relacionada a um dos mecanismos do capitalismo que é a obsolescência programada das mercadorias, este fez com que esse aterro torna-se um dos maiores problemas ambientais e sociais do Rio de Janeiro, levando parte do bairro a qual está inserido, bairro de Jardim Gramacho, a uma situação de pobreza extrema e a uma coleção de carências infraestruturais.

No entorno do AMJG vivem e convivem diferentes agentes que dão vida a esse território. As condições de trabalho e moradia são muito precárias e afetam diretamente a existência dessas pessoas. A atuação desses grupos é bastante territorializada criando múltiplos territórios que ora estão em conflito ora convivem harmoniosamente. O encerramento do aterro impulsionará a desterritorialização dos agentes que atuam nesses territórios em um movimento diferente do que aconteceu nos antigos vazadouros de lixo, agora eles não podem 'acompanhar' os resíduos da cidade, ou seja, sua reterritorialização não ocorrerá nas mesmas bases.

Com a necessidade técnica e ambiental de encerramento do AMJG, a lógica capitalista segregadora entra mais uma vez em ação e manipula o espaço criando mais um novo território do lixo para receber os resíduos da cidade do Rio de Janeiro. O espaço utilizado como instrumento político aumenta a distinção

entre a escala da realização e a escala de comando das ações criando uma alienação local. O novo aterro sanitário da cidade do Rio de Janeiro é a CTR-Santa Rosa, no município de Seropédica, se repetindo a lógica de aproximação do lixo das áreas periféricas causando ai problemas sociais.

O que nos chama atenção foi a escolha de um município que está completamente integrado as novas dinâmicas de expansão da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Toneladas diárias de resíduos sólidos urbanos e de resíduos industriais serão direcionadas a uma região em que está previsto uma grande transformação urbana e industrial.

Como a criação de espaços segregados associado equipamento poluidores está inserido na lógica política e econômica de nosso país, isso significa que está associação permanecerá enquanto reinarem as mesmas práticas políticas e econômicas. O fechamento deste trabalho só pode ser feito com questionamentos sobre o que acontecerá com esses territórios e seus agentes: o que acontecerá com os catadores que atualmente atuam no AMJG? Os associados em cooperativas se manterão territorializados em Jardim Gramacho, mas e o enorme contingente não cooperativado? Qual será o novo território desses trabalhadores? O que acontecerá com o entorno do AMJG, um novo lixão ou ações ambientais de recuperação da área? E a CTR- Santa Rosa permanecerá funcionando como um aterro sanitário? Será que as normas técnicas impedirão a poluição do Aquífero Piranema? Quais agentes surgirão na CTR-Santa Rosa? O fato de a CTR-Santa Rosa ser considerado um aterro sanitário irá modificar o imaginário da população sobre esse território?